Ricœur e o reconhecimento de si

Terça-feira, 24 de novembro de 2026, das 8h às 9h de Brasília. Nesta edição especial, a exposição e a leitura comentada terão tempo ampliado, das 8h às 8h40. O debate com a turma ocorre das 8h40 às 9h.

Paul Ricœur em leitura bilíngue

Ricœur, Paul. 2004. *Parcours de la reconnaissance. Trois études*. Paris: Stock. Segundo estudo, “Se reconnaître soi-même”, cap. II, “Une phénoménologie de l’homme capable”, 139–143.

Do parágrafo iniciado por “C’est par une réflexion sur les capacités” até o fim do parágrafo anterior a “Pouvoir dire”. À esquerda, recorte do exemplar francês. À direita, tradução de trabalho preparada diretamente do original para este seminário. As quebras de página acompanham o francês.

PÁGINA 139 DA EDIÇÃO FRANCESA

FRANCÊS / FAC-SÍMILE	PORTUGUÊS / TRADUÇÃO DE TRABALHO
C’est par une réflexion sur les *capacités* qui ensemble dessinent le portrait de l’homme capable que je tente de répondre à ce défi. Une telle réflexion serait à la fois néo-aristotélicienne et post-kantienne, pour ne pas dire aussi post-hégélienne, comme j’en ferai l’aveu dans la troisième étude. La suite des figures les plus remarquables du « je peux » constitue à mes yeux l’épine dorsale d’une analyse réflexive, où le « je peux », considéré dans la variété de ses emplois, donnerait sa plus grande amplitude à l’idée d’action une première fois thématisée par les Grecs. Que l’inclusion de cette analyse des capacités constitue un légitime enrichissement de la notion de reconnaissance de soi trouve une justification dans la	É por uma reflexão sobre as capacidades que, tomadas em conjunto, traçam o retrato do ser humano capaz que procuro responder a esse desafio. Tal reflexão seria ao mesmo tempo neoaristotélica e pós-kantiana, para não dizer também pós-hegeliana, como reconhecerei no terceiro estudo. A sucessão das figuras mais significativas do “eu posso” constitui, a meu ver, a espinha dorsal de uma análise reflexiva. Nela, o “eu posso”, considerado na diversidade de seus empregos, daria a maior amplitude à ideia de ação, tematizada pela primeira vez pelos gregos. Que a inclusão dessa análise das capacidades represente um enriquecimento legítimo da noção de reconhecimento de si encontra justificativa na

Ao iniciar a leitura, distingam duas afirmações: “Fui eu quem fez” e “Eu posso fazer”. Em que sentido admitir o ato já diz algo a respeito da capacidade de quem fala? Acompanhem a resposta de Ricœur até a p. 141.

Na passagem da p. 142 à p. 143, assinalem as três características da interpretação de si. Reúnam exemplos que permitam explicá-las sem repetir as palavras do filósofo.

Que confiança se exprime quando digo “eu posso”?

FRANCÊS / FAC-SÍMILE

parenté sémantique entre le mode épistémique propre à la sorte de certitude et de confiance qui s'attache à l'assertion propre au verbe modal « je peux » sous toutes ses formes, et une des acceptions majeures du verbe « reconnaître » au plan lexicographique, à savoir le « tenir pour vrai », que *Le Robert* place en tête d'une série de variantes : avouer, confesser, approuver, etc. Nous avions croisé, dès la première étude, cette transition significative de la reconnaissance-identification à la reconnaissance-aveu à la faveur de l'expression cartésienne : « recevoir en ma créance », le verbe « recevoir » constituant le tenon de la chaîne d'acceptions. Dans *Soi-même comme un autre*[1], j'adopte le vocable « attestation » pour caractériser le mode épistémique des assertions ressortissant au registre des capacités ; il exprime parfaitement le mode de croyance attaché aux assertions de la forme : « je crois que je peux », pour le distinguer de la croyance doxique en tant que forme faible du savoir théorique. L'assurance qui s'attache aux assertions introduites par la forme modale du « je peux » n'a pas pour contraire le doute, mais le soupçon, lequel ne peut être réfuté que par une réassurance de même teneur épistémique que la certitude contestée.

Ma thèse à ce plan est qu'il existe une parenté sémantique étroite entre l'attestation et la reconnaissance de soi, dans la ligne de la « reconnaissance de responsabilité » attribuée aux agents de l'action par les Grecs, d'Homère et Sophocle jusqu'à Aristote : en reconnaissant avoir fait tel acte, les agents attestaient implicitement qu'ils en étaient capables. La grande différence entre les Anciens et nous est que nous avons

1. Paul Ricœur, *Soi-même comme un autre*, Paris, Le Seuil, 1990.

PORTUGUÊS / TRADUÇÃO DE TRABALHO

afinidade semântica entre a modalidade epistêmica própria ao tipo de certeza e de confiança que acompanha a afirmação expressa pelo verbo modal “eu posso”, sob todas as suas formas, e uma das acepções principais do verbo “reconhecer” no léxico, a saber, “ter por verdadeiro”. O dicionário *Le Robert* a coloca à frente de uma série de variantes, como admitir, confessar e aprovar. Já no primeiro estudo encontramos essa passagem significativa do reconhecimento como identificação ao reconhecimento como admissão, graças à expressão cartesiana “acolher em minha crença”. O verbo “acolher” constitui o elo que articula a cadeia dessas acepções. Em *Soi-même comme un autre*[1], adoto a palavra “atestação” para caracterizar o modo epistêmico das afirmações relativas às capacidades. Ela exprime com precisão a modalidade de crença que acompanha afirmações como “creio que posso”, distinguindo-a da crença de ordem dóxica, entendida como forma fraca do saber teórico. O que se opõe à segurança das afirmações introduzidas pela forma modal “eu posso” não é a dúvida, mas a suspeita. Só se pode refutar a suspeita mediante uma reafirmação que tenha o mesmo teor epistêmico da certeza contestada.

Minha tese, nesse plano, é a de que existe uma afinidade semântica estreita entre a atestação e o reconhecimento de si, na linha do “reconhecimento da responsabilidade” que os gregos, de Homero e Sófocles até Aristóteles, atribuíam aos agentes da ação. Ao reconhecerem ter realizado determinado ato, os agentes atestavam implicitamente que eram capazes de realizá-lo. A grande diferença entre os antigos e nós está em que nós

[1] Paul Ricœur, *Soi-même comme un autre* (Paris: Seuil, 1990).

O testemunho e a atestação da capacidade

FRANCÊS / FAC-SÍMILE

porté au stade réflexif la jonction entre l'attestation et la reconnaissance au sens du « tenir pour vrai ».

Il reste toutefois un écart de sens entre attester et reconnaître, tenant à leur appartenance à des familles lexicales différentes. Attester appartient à la même famille que le témoignage, lequel se ramifie entre plusieurs acceptions, allant de l'usage du terme dans la conversation ordinaire, à son emploi en historiographie et à la barre du tribunal, et, au-delà, jusqu'à son emploi dans la sphère religieuse où la valeur de témoignage est attachée, selon l'expression de Jean Nabert dans son œuvre posthume, *Le Désir de Dieu*[1], à ces signes contingents que l'absolu donne de lui-même dans l'histoire : on parle alors de « témoins de l'absolu », le témoignage devenant alors le complément existentiel d'une « critériologie du divin » de tour critique comme le mot l'indique. De son côté, la reconnaissance de soi appartient au champ sémantique où elle est en rapport avec la reconnaissance-identification et la reconnaissance-*Anerkennung*. En se recoupant dans la certitude et l'assurance du « je peux », les deux champs sémantiques de l'attestation et de la reconnaissance de soi apportent leurs harmoniques respectives, donnant ainsi sa richesse et son épaisseur à ce que je propose d'appeler reconnaissance-attestation. C'est à ce mixte que ressortit la certitude des assertions introduites par le verbe modal : « je peux ».

L'analyse qui suit portant sur les capacités ainsi attestées et reconnues doit à son tour réflexif plusieurs traits originaux : c'est d'abord l'amplitude et la variété des formes ressortissant à l'idée d'action une première fois thématisée par les Grecs.

1. Jean Nabert, *Le Désir de Dieu*, Paris, Éd. du Cerf, 1996.

PORTUGUÊS / TRADUÇÃO DE TRABALHO

levamos ao plano reflexivo a junção entre a atestação e o reconhecimento no sentido de "ter por verdadeiro".

Subsiste, entretanto, uma diferença de sentido entre atestar e reconhecer, ligada ao pertencimento dessas palavras a famílias lexicais distintas. Atestar pertence à mesma família de testemunho, que se ramifica em várias acepções. Elas vão do uso do termo na conversação comum ao seu emprego na historiografia e perante o tribunal. Alcançam ainda a esfera religiosa, onde, segundo a expressão de Jean Nabert em sua obra póstuma *Le désir de Dieu*[1], se atribui valor de testemunho aos sinais contingentes que o absoluto dá de si na história. Fala-se então de "testemunhas do absoluto". O testemunho torna-se o complemento existencial de uma "criteriologia do divino", de feição crítica, como indica o termo. O reconhecimento de si, por sua vez, pertence ao campo semântico em que se relaciona com o reconhecimento-identificação e com o reconhecimento no sentido de *Anerkennung*. Ao se cruzarem na certeza e na segurança do "eu posso", os campos semânticos da atestação e do reconhecimento de si fazem ouvir suas ressonâncias próprias. Dão, assim, riqueza e espessura ao que proponho chamar de reconhecimento-atestação. É a essa composição que pertence a certeza das afirmações introduzidas pelo verbo modal "eu posso".

A análise que se segue, dedicada às capacidades assim atestadas e reconhecidas, deve à sua orientação reflexiva vários traços originais. O primeiro é a amplitude e a variedade das formas que correspondem à ideia de ação, tematizada pela primeira vez pelos gregos.

[1] Jean Nabert, *Le désir de Dieu* (Paris: Cerf, 1996).

O caminho do que foi feito até quem o fez

FRANCÊS / FAC-SÍMILE

Mais la nouveauté de cette analyse par rapport à celle des Grecs ne se borne pas à l'amplitude et au caractère ordonné du parcours des figures du « je peux », mais consiste en second lieu dans le caractère indirect, médiat, qui me paraît caractériser une approche herméneutique au sein de la nébuleuse des philosophies réflexives. À cet égard, je suis redevable à Jean Nabert[1] pour cette attention portée au détour par le côté « objectal » des expériences considérées du point de vue des capacités mises en œuvre. Le détour par le « quoi » et « comment », avant le retour au « qui », me paraît explicitement requis par le caractère réflexif même du soi, qui, dans le moment d'autodésignation, se reconnaît *soi-même*.

À ces deux premiers traits d'une herméneutique du soi : prise en compte des capacités qui trouvent l'expression dans la forme modale du « je peux », détour par l'objectal pour donner valeur réflexive au soi-même, s'en ajoute un troisième, constitué par la dialectique entre identité et altérité. Cette dernière considération est de la plus grande importance au regard des ambitions affichées de la philosophie de la reconnaissance pour laquelle je plaide. Sur le trajet ouvert par l'acte souverain de la reconnaissance/identification, traité dans la première étude, la reconnaissance de soi, en vertu de cette dernière dialectique, met sur le chemin de la problématique de l'être reconnu, impliqué par la demande de reconnaissance mutuelle dont traitera la troisième étude. En ce sens, la reconnaissance de soi-même occupe

1. Jean Nabert, *Éléments pour une éthique*, Paris, PUF, 1943 ; 2e édition préfacée par Paul Ricœur, Paris, Aubier-Montaigne, coll. « Collection philosophique de l'esprit », 1962.

PORTUGUÊS / TRADUÇÃO DE TRABALHO

A novidade desta análise em relação à dos gregos ultrapassa a amplitude e a ordem do percurso pelas figuras do "eu posso". Consiste, em segundo lugar, no caráter indireto, mediado, que me parece caracterizar a abordagem hermenêutica em meio à constelação das filosofias reflexivas. Devo a Jean Nabert[1] a atenção que dedico ao desvio pelo lado "objetal" das experiências examinadas do ponto de vista das capacidades nelas exercidas. O desvio pelo "quê" e pelo "como", antes do retorno ao "quem", parece-me explicitamente exigido pelo próprio caráter reflexivo do si, que, no momento de designar a si mesmo, se reconhece.

Aos dois primeiros traços de uma hermenêutica do si — a consideração das capacidades que encontram expressão na forma modal "eu posso" e o desvio pelo objetal que confere valor reflexivo ao si mesmo — soma-se um terceiro, constituído pela dialética entre identidade e alteridade. Essa última consideração tem a maior importância para as ambições declaradas da filosofia do reconhecimento que defendo. No trajeto aberto pelo ato soberano do reconhecimento-identificação, examinado no primeiro estudo, o reconhecimento de si, em virtude dessa dialética, nos encaminha para o problema do ser reconhecido, implicado na demanda de reconhecimento mútuo de que tratará o terceiro estudo. Nesse sentido, o reconhecimento de si mesmo ocupa

[1] Jean Nabert, *Éléments pour une éthique* (Paris: PUF, 1943). Segunda edição prefaciada por Paul Ricœur (Paris: Aubier-Montaigne, 1962), coleção "Philosophie de l'esprit".

A presença do outro na designação de si

FRANCÊS / FAC-SÍMILE	PORTUGUÊS / TRADUÇÃO DE TRABALHO
une place médiane sur ce long trajet, en raison précisément des traits d'altérité qui, au cœur de l'auto-désignation du sujet des capacités que signale la grammaire du « je peux », se composent avec les deux autres traits soulignés plus haut : la caractérisation de l'action par les capacités dont elles constituent l'effectuation, et le détour de la réflexion par le côté objectal des expériences considérées.	uma posição intermediária nesse longo percurso. Isso se deve precisamente aos traços de alteridade que, no próprio coração da designação de si pelo sujeito das capacidades indicadas pela gramática do "eu posso", se conjugam com os outros dois traços assinalados acima: a caracterização da ação pelas capacidades de que ela constitui a efetuação e o desvio da reflexão pelo lado objetal das experiências examinadas.

Questões de Brian Kibuuka para a leitura compartilhada

1. Uma pessoa diz que é capaz de contar o que aconteceu numa assembleia. Se alguém suspeita de sua capacidade, que tipo de resposta caberia? Comparem a atestação dessa capacidade com a verificação de uma informação particular de seu relato (Ricœur 2004, 140–141).

2. Em uma decisão coletiva, o registro consigna que todos concordaram. Uma participante, porém, diz que pediu mais tempo para examinar a proposta. Como investigar o que foi dito e como se chegou à decisão antes de perguntar quem pode responder por ela (Ricœur 2004, 142)?

3. O texto passa da expressão "eu posso" à expectativa de ser reconhecido. Qual é o lugar de quem escuta, confirma ou contesta a palavra do agente? Expliquem por que a presença do outro já aparece no segundo estudo do livro (Ricœur 2004, 142–143).

Para o debate, escolham uma das questões e indiquem na margem a página e as palavras do original que fundamentam a resposta.

Edição utilizada para o cotejo, no acervo do Grupo MOSAICO: Ricœur, Paul. 2005. *The Course of Recognition*. Tradução de David Pellauer. Cambridge, MA: Harvard University Press, 91–93. A paginação das colunas deste caderno acompanha a edição francesa de 2004.